

RESUMO: STARK, Rodney. **The rise of christianity:** how the obscure, marginal Jesus movement became the dominant religious force in the western world in a few centuries. Nova York: HarperCollins, 1997. 246 p. Publicado em português como “O crescimento do cristianismo” pela Paulinas.

Ofereço na 1^a parte um resumo dos pontos principais (p.1-3); na 2^a parte um resumo menos condensado do livro, para melhor apreensão (p. 4-22); na 3^a parte, possíveis implicações para hoje a partir do que o livro expõe (p.23-24).

(JLHack, maio de 2022)

1^a parte: Resumo dos pontos principais

Como o pequeno movimento messiânico da Palestina se tornou a fé dominante do Ocidente?

1. Crescimento. O cristianismo cresceu com taxa similar (3,42%/ano) aos novos grupos religiosos modernos e chegou a 56% da população no ano 350. Não foi o edito de Constantino que produziu a maioria cristã; foi o inverso: sua política buscava apoio da ampla parcela de cristãos. O apelo doutrinário pouco impacta na conversão; a conexão com as doutrinas ocorre depois da conversão. A adesão vem quando a ligação pessoal com os membros é mais forte do que com os não membros; a conversão trata de alinhar nosso comportamento com o dos amigos membros. Quem tem fortes ligações não se desvia do padrão já adotado porque deseja manter a boa opinião de amigos e familiares; quem tem carência de ligações apresenta alta taxa de desvio. Novos movimentos religiosos falham quando se fecham em si mesmos. Os bem-sucedidos conseguem se manter como redes abertas.

2. Base social. O cristianismo teve base em classes mais privilegiadas por ser uma nova fé, um movimento cultural. A religião compensa a incapacidade de se obter o que deseja: 1) Alguns não conseguem obter recompensas desejadas (são escassas), mas outros têm (riqueza, saúde); 2) Há recompensas *indisponíveis* a todos nessa vida (vitória sobre a morte). Como empreendimento social organizado, a religião é fonte de *recompensas diretas*, como status, renda, autoestima, relações sociais, entretenimento, etc. A nova religião precisa explorar as aberturas deixadas pelas fraquezas da religião atual. Os “sem religião” são os mais prováveis de expressar interesse. A conversão envolve o interesse em uma nova cultura e a capacidade de entender novas ideias, por isso os privilegiados são os mais prováveis em aderir.

3. Sucesso com judeus. O cristianismo judaico não sumiu após o século 1. Proposições: 1) *Novos movimentos alcançam convertidos entre descontentes, inativos e afiliados de comunidades acomodadas.* Saem-se melhor em lugares com bastante secularização. 2) *Quanto maior a continuidade cultural com a religião já conhecida, maior a disposição em adotar uma nova religião.* Há pouca receptividade ao que é totalmente novo (se é que isso existe). 3) *Movimentos sociais crescem mais rápido ao se espalhar por redes sociais pré-existentes.* As pessoas não **buscam** uma nova fé; elas a **encontram** por suas ligações com outros crentes. Aceitar uma nova religião é se conformar com as expectativas e exemplos de familiares e amigos. Movimentos religiosos crescem quando seus membros continuam a formar ligações fora do grupo (recém-chegados e pessoas isoladas). Missionários precisam ter fortes ligações em redes sociais ou ser capazes de formá-las.

Os judeus da diáspora viviam em marginalidade social e buscavam uma solução. O cristianismo oferecia uma religião não étnica, com grande continuidade cultural com o judaísmo e o mundo helênico. Os missionários os alcançaram pelas redes sociais existentes (família e amigos dos judeus palestinos). As primeiras igrejas ficavam nas seções judaicas, perto das sinagogas. Os judeus da diáspora proveram grande parte das conversões, especialmente na Ásia Menor e norte da África, onde surgiram as comunidades mais vigorosas até o século 5.

4. Epidemias. O cristianismo se beneficiou muito da desorganização e desmoralização da sociedade nas duas epidemias do século 2 e 3. 1) *O paganismo e as filosofias gregas não conseguiam explicar as epidemias nem consolar; o cristianismo oferecia razões satisfatórias e projetava um futuro esperançoso.* A vida tem significado mesmo diante da morte. Há consolo na existência celestial

para os que morreram. 2) *O amor cristão se traduziu em serviço social e solidariedade comunitária. Os cristãos souberam lidar com os desastres e isso gerou maior sobrevivência; esse “milagre” influenciava novas conversões.* Fontes pagãs confirmam a assistência social inigualável dos cristãos. Os pagãos fugiam dos doentes; os cristãos cuidavam deles, o que diminuía a mortalidade em 2/3, mesmo sem remédio, e o amor demonstrado gerava conversões. 3) *Quando uma epidemia destrói boa parte da população, muitos perdem as conexões interpessoais que os prendiam à ordem moral convencional, gerando maior probabilidade de conversão.*

5. Mulheres. O cristianismo atraía as mulheres por lhes dar status mais alto do que no mundo pagão, onde havia bem mais homens que mulheres (40% a mais). Essa distorção se devia à rejeição de bebês (fêmeas indesejadas e machos deformados), prática legal, difundida e moralmente aceita por todos. Mesmo grandes famílias dificilmente criavam mais de uma filha. O aborto gerava muitas mortes das mães. No cristianismo, havia mais mulheres que homens pela eliminação destas causas de morte e pela alta proporção de mulheres convertidas (mulheres de diferentes épocas e lugares são mais interessadas em religião que os homens). O cristianismo valorizava mais a mulher: proibia infanticídio e aborto, divórcio, incesto, infidelidade conjugal e poligamia. Incentivava a castidade e rejeitava a libertinagem concedida aos homens. Suas viúvas mantinham os bens do marido, não eram obrigadas a recasar, eram sustentadas pela igreja. As cristãs se casavam mais tarde e tinham mais escolha; as pagãs se casavam antes da puberdade com homens mais velhos, o que gerava medo e ressentimento. As mulheres cristãs também assumiram posições de liderança na igreja. O cristianismo cresceu pelos muitos casamentos mistos entre mulheres cristãs e homens pagãos, que gerava conversões secundárias. Também havia maior natalidade entre os cristãos, pois os pagãos preferiam as prostitutas ao casamento e produziam pequenas famílias (pelo aborto e controle da natalidade). O cristianismo santificou o casamento e salientava as obrigações conjugais (1Co 7).

6. Cristianização urbana. O cristianismo chegou mais cedo nas maiores cidades, porque ali havia mais subculturas não convencionais, gerando mais cedo massa crítica para formar uma igreja. O caminho para o cristianismo foi preparado pela familiaridade com a cultura judaica; a força desta continuidade cultural se mede pela distância de Jerusalém.

7. Crise urbana. As cidades tinham nível extraordinário de desordem, deslocamento social, sujeira, doenças, miséria, medo e caos cultural. Isso deu ao cristianismo oportunidade de oferecer solução para estes problemas. As cidades eram abarrotadas (dobro da densidade atual), com péssima infraestrutura e qualidade de vida, o que gerava doenças e alta mortalidade. As cidades exigiam um fluxo constante e substancial de novas pessoas para manter sua população; com isso, a maioria não se conhecia, se agrupava etnicamente, a criminalidade era grande. Havia muitos desastres naturais e sociais: ataques, incêndios, terremotos, escassez de víveres, epidemias e revoltas. Isso gerava desespero constante. O cristianismo revitalizou a vida urbana ao prover normas e relacionamentos sociais capazes de lidar com muitos problemas urgentes. Para desabrigados e miseráveis, o cristianismo oferecia caridade e esperança. Para novos residentes e estrangeiros, base para conexões. Para órfãos e viúvas, percepção ampliada de família. Para contendas étnicas, nova base para a solidariedade social. Para desastres, serviços eficazes de enfermagem. A capacidade superior do cristianismo de enfrentar estes problemas logo se tornou evidente e levou ao seu triunfo.

8. Mártires. Os sacrifícios religiosos são escolhas racionais por recompensas valiosas. Alavancaram o crescimento do cristianismo, criando organizações fortes com membros altamente comprometidos. *A religião supre compensadores para recompensas raras ou indisponíveis.* Os compensadores religiosos oferecem recompensas enormes não alcançáveis de outra forma (vida eterna), mas seu cumprimento não é verificável e há alto risco inherente. Ora, *as pessoas escolhem suas ações racionalmente, inclusive quanto a compensadores.* Pesam custos e benefícios e agem para maximizar o ganho. Não fazem escolhas similares porque *diferem muito em suas avaliações quanto a recompensas ou benefícios específicos.* Como estimar o valor destes compensadores? 1) Seu valor é estabelecido nas interações e trocas sociais. 2) Ele parece mais valioso quando produzido coletivamente. O compromisso dos outros estimula nossa fé. 3) Também quando há evidência de que a religião gera

benefícios. Testemunhos são meio comum para gerar fé; são mais persuasivos quando procedem de fonte confiável (pessoa conhecida). 4) Os líderes têm maior credibilidade quando recebem pouca recompensa material em retorno por seus serviços. Os leigos são mais ouvidos que os clérigos. 5) Os mártires voluntários são os mais confiáveis quanto ao valor de uma religião.

A religião está sujeita à exploração por parasitas, o que se resolve com alto custo, que cria barreiras para a entrada no grupo; não é mais possível só colher os benefícios da membresia, é preciso pagar o preço. O alto custo envolve sacrifício e estigma, que geram e refletem a tensão entre o grupo religioso e a sociedade restante. Pode parecer que isso tornaria a religião menos atrativa, mas fortalece o grupo religioso e o comprometimento, pois gera maiores benefícios materiais, sociais e religiosos para seus membros: assistência social, segurança quanto ao futuro, ajuda na doença, amor, vida familiar mais segura para as mulheres, melhor relação entre as classes sociais. Isso fez diferença? Sim, os cristãos tinham expectativa de vida mais longa do que os pagãos e melhor qualidade de vida.

9. Oportunidade e organização. Novos movimentos dependem de fatores além do seu controle: quanto o governo regula a religião e quão vigorosa é a religião vigente. Os cristãos sofreram pouca repressão de Roma. O paganismo foi suplantado por suas fraquezas: 1) Excessivo pluralismo: incorporação de muitos deuses de várias partes do império, com redução dos recursos para cada grupo. O paganismo era caro, com templos elaborados, sacerdotes profissionais e festivais luxuosos. 2) Declínio: a expansão do culto a Ísis permite mapear necessidades religiosas insatisfeitas. 3) Falta de reverência pública: parecia haver uma visão utilitária e ressentida dos deuses. Havia também uma tendência a um monoteísmo. *Quando as sociedades se tornam mais antigas, maiores e mais cosmopolitas, passam a adorar menos deuses de maior escopo.*

As pessoas reagem ao risco religioso de forma similar ao econômico: procuram diversificar. Se não conseguem determinar qual investimento religioso é o mais seguro, a estratégia mais racional é aderir a todos. Religiões não exclusivistas criam bens privativos, com pouco valor. Era assim no paganismo. Religiões exclusivistas (cristianismo) geram bens coletivos, de alto valor, pois eliminam parasitas. Estas são organizações mais fortes e capazes de mobilizar recursos extensos e de prover compensadores religiosos altamente confiáveis, assim como benefícios terrenos substanciais. As não exclusivas são cultos de clientela; não há laços duradouros, nem entrosamento. Uma igreja se baseia no compromisso estável, exclusivo e de longo termo das pessoas. Pessoas se **convertem** a uma fé exclusivista, mas só **aderem** a cultos não exclusivos. Quando as não exclusivas são desafiadas por um competidor exclusivo, este vence por ser melhor barganha. As fés não exclusivas se especializam em áreas (“butiques”); as exclusivas precisam prover serviço completo (“lojas de departamento”). Devem oferecer um sistema abrangente de crenças e atividades sociais e espirituais apropriadas para todas as idades. A força fundamental de uma fé exclusiva é sua coletividade (estilo de vida comum e percepção de pertença); há fortes laços entre clérigos e povo: este não se aproxima para comprar bens religiosos, mas para ser guiado na vida cristã.

10. Virtude. As doutrinas foram de importância imensa para o crescimento do cristianismo, gerando grupos atraentes, libertadores e efetivos. Num mundo pagão de deuses triviais e egoístas, a novidade do discurso cristão foi que Deus ama a humanidade e devemos imitá-lo. A compaixão era considerada uma fraqueza, mas o cristianismo ensinou que o Deus misericordioso exige comportamento similar. Os cristãos precisam amar uns aos outros, e isso se estende além da comunidade cristã. Quando os ensinamentos foram encarnados na vida diária, o cristianismo conseguiu transformar a experiência humana e mitigar sua miséria.

2ª parte: Resumo do livro

O que primariamente tento contribuir para os estudos da igreja primitiva é uma melhor ciência social: melhores teorias e métodos mais formais de análise, incluindo quantificações quando possível e apropriado.¹

1. Conversão e crescimento cristão

Como um pequeno e obscuro movimento messiânico de uma fronteira do Império Romano desalojou o paganismo clássico e se tornou a fé dominante da civilização ocidental? Essa única questão requer muitas respostas, pois não foi só uma coisa que gerou o triunfo do cristianismo.

1.1. A aritmética do crescimento

Todos os estudos sobre o início do cristianismo enfatizam o rápido crescimento do movimento, mas raramente oferecem números. Precisamos quantificar para apreender a magnitude do fenômeno a ser explicado. Foi uma taxa de crescimento anormal à luz da experiência moderna? Se sim, talvez seja necessário formular novas proposições científicas sociais sobre conversão. Se não, podemos utilizar algumas proposições já bem testadas.

Buscamos duas quantidades iniciais para extrapolar a taxa provável de crescimento do cristianismo inicial. Para uma quantidade inicial, Atos 1.14-15 sugere 120 cristãos alguns meses após a crucificação; Atos 4.4 reivindica 5.000 cristãos; Atos 21.20 informa que pelos anos 60 havia “milhares de judeus que creram”. Na antiguidade, as quantidades eram parte de exercícios retóricos e não devem ser consideradas literais. Mantendo uma estimativa conservadora, assumiremos que havia apenas 1000 cristãos no ano 40. Para uma quantidade final, uma estimativa amplamente aceita indica que existiam seis milhões de cristãos no início do século 4 (cerca de 10%).

Tabela 1:
O crescimento cristão projetado para 40% por década

Ano	No. de cristãos	% da população
40	1.000	0,0017
50	1.400	0,0023
100	7.530	0,126
150	40.496	0,07
200	217.795	0,36
250	1.171.356	1,9
300	6.299.832	10,5
350	33.882.008	56,5

*Porcentual baseado em uma estimativa de 60 milhões de pessoas

Assim, a estimativa mais plausível do crescimento inicial do cristianismo é de 40% por década ou 3,42% por ano. Essa é uma taxa normal de crescimento de um novo grupo religioso na experiência moderna, por isso não precisamos buscar explicações excepcionais.

É interessante considerarmos a impressão geral de que o crescimento cristão foi intenso na última metade do século 3. Em termos de taxa de crescimento, provavelmente não foi intenso. Mas o foi em termos de números absolutos, como mostra a tabela 1. A minha reconstrução do crescimento cristão exibe esse “crescimento repentino” associado à época, o que a torna plausível. Além disso, é consistente em evidências arqueológicas e outras estimativas de historiadores. Eusébio cita Dionísio de Corinto, que informa em 170 que a igreja de Roma era forte e ajudava financeiramente outras igrejas necessitadas. Um estudioso estimou 7000 cristãos em Roma no final do século 2 (1% da po-

¹ Fato curioso mencionado no prefácio: quando os pais da igreja escreviam mais abertamente sobre questões de aborto, controle de natalidade e normas sexuais, os tradutores e compiladores dos séculos recentes traduziam o original grego para latim e não para sua língua comum (inglês).

pulação). O crescimento cristão se concentrava no leste, na Ásia Menor, Egito e norte da África. A proporção cristã da população era substancialmente maior nas cidades do que nas áreas rurais da época; por isso o termo “pagão” (*paganus*; “homem do campo”) passou a se referir a não cristãos.

Minha proposição questiona seriamente a ênfase que Eusébio e outros dão à conversão de Constantino como o fator que produziu a maioria cristã. Se nada mudou nas condições da taxa estimada, a conversão de Constantino é mais bem descrita como uma reação à onda exponencial volumosa em progresso, e não como sua causa. Uma historiadora informa que a perseguição aos cristãos no início do século 4 por Diocleciano e Galério falhou porque “pelo ano 300 o cristianismo havia se tornado amplamente aceito na sociedade romana”. Assim, em 311 Galério mudou de tática e isentou os cristãos de orarem aos deuses romanos, pedindo apenas que “orassem ao seu deus por nossa segurança e do Estado”. O edito de Constantino em 313 foi só uma continuação da política governamental; o imperador buscava apoio sobrenatural para seu governo e o apoio da ampla parcela de cristãos na sociedade.

Resta salientar que os números são só estimativas. Além disso, as projeções do meu modelo são inválidas após o ano 350. As curvas de crescimento declinam após a conversão de uma proporção substancial da população disponível.

1.2. Sobre a conversão

Apesar de relatos de conversões em massa no início do cristianismo, a ciência social moderna relega o apelo doutrinário a um papel bem secundário e reivindica que a maioria das pessoas não se torna realmente muito ligada às doutrinas da sua nova fé até *depois* de sua conversão. As pessoas que costumam aderir a novos movimentos religiosos são aquelas cujas ligações interpessoais com os membros superam as ligações com os não membros. De fato, a conversão não gira em torno de buscar ou aderir a uma ideologia; trata de alinhar nosso comportamento com o dos amigos e membros do grupo. Quem tem fortes ligações não se desvia do padrão já adotado porque deseja manter a boa opinião de amigos e familiares; quem tem carência de ligações apresenta alta taxa de desvio.

Repetindo, conversões tendem a ocorrer ao longo das redes sociais formadas por ligações interpessoais. A conversão a novos grupos religiosos diferentes ocorre quando as pessoas desenvolvem ligações mais fortes com os membros do grupo do que com os não membros. Em segundo lugar, pessoas profundamente comprometidas com uma fé particular não a deixam e mudam de fé. Os convertidos a novos movimentos procedem na maioria de contextos relativamente irreligiosos.

Assim, a base para movimentos conversionistas de sucesso é o crescimento por meio de redes sociais, por meio de uma *estrutura de ligações interpessoais diretas e íntimas*. A maioria dos novos movimentos religiosos falha porque rapidamente se tornam fechados em si mesmos, ou seja, falham em formar e manter ligações com pessoas de fora do grupo e por isso perdem a capacidade de crescer. Os movimentos bem-sucedidos descobrem técnicas para se manterem como redes abertas. Dessa forma, precisamos descobrir como os cristãos primitivos mantiveram redes abertas.

1.3. Sobre generalizações científicas

Embora os detalhes específicos das redes de ligações interpessoais sejam diferentes ao longo do tempo e espaço, vale a regra geral para a conversão via redes.

1.4. Teoria social e reconstruções históricas

Seitas são grupos religiosos em um estado relativamente alto de tensão com seu ambiente; igrejas são grupos em um estado relativamente baixo de tensão. Grupos religiosos, especialmente quando são bem-sucedidos, tendem a migrar de estados altos para baixos de tensão: seitas geralmente viram igrejas.

Contudo, não são simples conceitos que nos ajudam a entender o fenômeno. Os conceitos não nos dizem nada sobre a razão dos fenômenos ou o que eles influenciam. Precisamos de teorias:

declarações abstratas sobre as razões e modos das conexões entre um conjunto de fenômenos. Não é uma lista de partes; um modelo funcional precisa especificar as interrelações entre as partes.

Quando é necessário, devemos aplicar a ciência social para preencher as lacunas históricas. Porém, devemos ter cautela para não as preencher com fantasia e ficção científica.

2. A base social do cristianismo inicial

Durante boa parte do século 20 houve consenso entre historiadores e sociólogos de que o cristianismo inicial era um movimento dos destituídos (escravos e pobres). Hoje se voltou a uma posição mais antiga de que havia ricos no meio da cristandade primitiva. Todavia, qualquer reivindicação sobre a base social do cristianismo inicial deve permanecer duvidosa, pelo menos quanto a evidências diretas.

Penso que a nova posição é essencialmente correta, pois se conforma com a proposição sociológica bem testada de que, como outros movimentos religiosos iniciantes, o cristianismo não foi um movimento proletário, mas sim baseado em classes mais privilegiadas.

2.1. Classe, seita e grupos

Faço diferença entre movimentos sectários e cultuais. Os sectários ocorrem por cisma interno num grupo convencional, quando algumas pessoas desejam uma versão mais mística da fé e rompem com o grupo para “restaurar” a religião a um nível de tensão mais alto com seu ambiente. Há considerável pesquisa que demonstra que, em geral, quem adere a seitas é o destituído ou de classe mais baixa do que os que permanecem no grupo original.

Os movimentos cultuais, por outro lado, são uma nova fé, pelos menos na sociedade examinada. Começam pequenos e recrutam outros; violam as normas da religião prevalente e geralmente são alvo de considerável hostilidade. Ao perceber o que envolve aceitar uma nova fé, fica fácil entender por que esses movimentos recrutavam pessoas mais privilegiadas. Como introdução a esse debate, avaliarei a teoria sociológica atual sobre a relação entre classe social e compromisso religioso.

2.2. Classe e compromisso

Antigamente os sociólogos criam que as classes mais baixas eram mais religiosas e que o compromisso religioso servia basicamente para aliviar o sofrimento dos pobres e despojados. Quando se descobriu que o compromisso religioso consistia em diversas dimensões um tanto independentes, houve uma revisão da teoria, pois os pobres tendem a ser mais religiosos em algumas dimensões e os ricos em outras.

De fato, a religião pode compensar a incapacidade de algumas pessoas de obter o que desejam. Essa incapacidade tem *dois* aspectos bem diferentes: primeiro, algumas pessoas são incapazes de obter as recompensas desejadas que são apenas escassas – outros conseguem obtê-las, como riqueza e saúde; segundo, a religião pode compensar as pessoas quanto às recompensas desejadas que parecem completamente *indisponíveis* a todos, pelo menos nessa vida, como a vitória sobre a morte. Além disso, como um empreendimento social organizado, a religião é uma fonte de *recompensas diretas* para seus membros, como posição social, renda, autoestima, relações sociais, entretenimento, etc.

2.3. O apelo das novas religiões

As pessoas não aderem a uma nova fé se estão satisfeitas com a antiga. A nova religião precisa explorar as aberturas deixadas pelas fraquezas da religião contemporânea. Algumas pessoas percebem essas fraquezas e reagem a elas mais rápido que outras pessoas. Por exemplo, em geral o ceticismo religioso é mais prevalente entre os mais privilegiados.

Contudo, o ceticismo não implica imunidade geral ao sobrenatural. Embora muitos se decla-

rem “sem religião”, em geral apenas indicam sua falta de compromisso com um tipo convencional de fé, mas são os mais prováveis de expressar interesse em doutrinas místicas e mágicas.

A conversão a uma nova religião envolve o interesse em uma nova cultura e a capacidade de entendê-la, por isso os privilegiados são os mais prováveis em aderir a novos movimentos religiosos, já que novas religiões sempre abrangem novas ideias. Enquanto as seitas conseguem apelar a pessoas de pouca capacidade intelectual pela insistência na velha cultura já familiar, as novas religiões acham difícil alcançar essas pessoas. Assim, devem buscar pessoas de posição social e privilégio.

Quando os menos privilegiados ficam insatisfeitos com a baixa oferta de compensação para as recompensas escassas, surgem os movimentos sectários. Mas uma fé tradicional e sua expressão organizada também pode se tornar tão materialista que não supre mais a necessidade universal de compensação religiosa pelas recompensas inatingíveis nesta vida. Ou seja, se tornam tão vazios do sobrenatural que não atendem mais às necessidades dos privilegiados também. É nesse momento que estes buscam outras opções religiosas.

2.4. A composição social das novas religiões contemporâneas

Um exame das estatísticas religiosas demonstra que os menos educados (1º e 2º graus) se associam mais com experiências de “novo nascimento” e “cura pela fé”, atividades de movimentos sectários. Os mais educados se associam em maior proporção com movimentos místicos e espirituais.

De modo similar, uma estatística de 1990 identifica as principais religiões e denominações com um porcentual maior de graduados em cursos universitários: católicos, judeus, episcopais, congregacionais, presbiterianos, metodistas, luteranos. Em diversos movimentos cultuais o porcentual de formados é ainda maior: nova era, cientologia, outras espiritualidades. Já em seitas, o nível de estudo é menor: assembleianos, nazarenos, testemunhas de Jeová, Igreja Universal.

2.5. O cristianismo como um movimento cultural

Começando com a ressurreição, o cristianismo passou a ser uma nova religião, pois havia adicionado nova cultura em demasia ao judaísmo para ser considerada mera seita. O cristianismo da igreja primitiva (que abrangia a igreja gentia paulina) foi um movimento cultural no Império Romano.

Assim, os esforços missionários de Paulo devem ter alcançado seu maior resultado nas classes média e alta, como agora acreditam os historiadores do NT.

2.6. Conclusão

O sentido de teorias é a generalização que escapa da perpétua tentativa e erro. As generalizações sociológicas buscam evitar a necessidade de alegar ignorância quando não se encontram evidências adequadas para cada grupo específico.

Então, que diferença faz se o cristianismo foi um movimento de privilegiados ou de destituídos? Se fosse um movimento proletário, o Estado romano o veria como ameaça e o teria esmagado completamente (como Massada). Se foi um movimento cultural que abrangeu privilegiados, a perseguição inconsistente do Estado se justifica.

3. A missão aos judeus: por que provavelmente foi bem-sucedida?

Assume-se geralmente que a missão aos judeus falhou. Embora tenham formado a maioria dos convertidos no início, assume-se que este padrão terminou após a revolta de 66 a 74. Meu argumento neste capítulo é que o cristianismo judaico desempenhou um papel central até muito depois no crescimento do cristianismo, ou seja, que não apenas os judeus da diáspora forneceram a base inicial para o crescimento da igreja até o início do século 2, mas que os judeus continuaram como fonte significativa de convertidos até pelo menos o século 4 e que o cristianismo judaico ainda era importante no século 5.

3.1. Como sabemos que os judeus rejeitaram o cristianismo?

As evidências que temos são de que ainda havia uma ampla população judaica após o triunfante crescimento do cristianismo e de que surgiram referências textuais hostis a partir dos dois lados.

3.2. Sociologia pertinente

O exame da inserção de culturas italianas e polacas nos EUA mostra que pode haver comunidades sólidas de imigrantes em bairros étnicos ao lado de muitos outros imigrantes já assimilados na sociedade. O fato de existirem imigrantes isolados não implica que não há outros integrados. Isso leva a concluir que as sinagogas ativas dos primeiros séculos não são necessariamente evidência de que muitos judeus da diáspora não tinham se convertido.

Outro paralelo histórico ocorre com a emancipação dos judeus na Europa no século 19. Ao deixarem o gueto e não encontrarem respaldo na sociedade gentia para sua religião, milhares de judeus se tornaram marginalizados socialmente. As pessoas ficam marginalizadas quando sua pertença a dois grupos impõe uma contradição ou pressão cruzada de forma que sua situação em cada grupo é diminuída pela pertença ao outro. As pessoas tentarão escapar ou resolver uma posição marginal. Assim surgiu o judaísmo reformado, para prover uma religião não tribal e não-étnica, baseada no AT e com foco na teologia e na ética, em vez de costumes e práticas.

Vamos rever algumas proposições sociológicas. 1) *Novos movimentos religiosos alcançam novos convertidos principalmente dentre os descontentes e inativos religiosos e aqueles afiliados com as comunidades religiosas mais acomodadas (mais mundanas)*. Se as pessoas estão firmemente enraizadas em uma instituição religiosa, elas não desistem dela e passam para outra. Os novos movimentos religiosos se saem melhor em lugares com bastante secularização aparente.

2) *As pessoas estão mais dispostas a adotar uma nova religião na proporção em que ela retém continuidade cultural com a religião convencional com a qual já estão familiarizadas*. É pequena a receptividade da maioria das pessoas àquilo que é totalmente novo (se é que isso existe).

3) *Movimentos sociais crescem bem mais rápido quando se espalham por meio de redes sociais pré-existentes*. Tipicamente as pessoas não **buscam** uma nova fé; elas a **encontram** por meio de suas ligações com outras pessoas que já aceitaram essa fé. No fim, aceitar uma nova religião é parte de se conformar com as expectativas e exemplos dos familiares e amigos. Movimentos religiosos podem crescer porque seus membros continuam a formar novos relacionamentos com pessoas de fora do grupo. Muitas novas religiões se tornaram peritas em fazer novas ligações com recém-chegados e pessoas com fracos relacionamentos pessoais. Os movimentos também se espalham por meio de redes sociais preexistentes, quando os convertidos trazem seus familiares e amigos. Isso requer que os missionários de uma nova fé já tenham fortes ligações em redes sociais ou sejam capazes de facilmente formar essas ligações.

3.3. A situação dos judeus helenistas na diáspora

Por causa da similaridade extensa entre a situação dos judeus helenistas do NT e a dos judeus emancipados do século 19, podemos supor que algo análogo ao movimento de reforma destes tenha atraído os judeus helenistas.

Havia muito mais judeus da diáspora do que na Palestina (proporção de 4 a 6 milhões fora para 1 milhão dentro). Os helenistas eram primariamente urbanos e conhecidos por sua riqueza. Por não conhecerem mais o hebraico, traduziram a Torá para o grego já no século 3 a.C., com acréscimos da cosmovisão helênica. Muitos desses judeus assumiram nomes gregos e assumiram o iluminismo helênico e até aderiram a alguns elementos do pensamento religioso pagão. Contudo, viviam na condição desconfortável de marginalidade social e buscavam uma solução conciliatória.

Quando os apóstolos cristãos decidiram não impor a observância da lei judaica aos gentios, criaram uma religião livre de etnicidade. Quem mais se beneficiaria disso?

3.4. Continuidade cultural

O cristianismo oferecia o dobro de continuidade cultural aos judeus helenistas do que aos gentios, pois retinha muito do conteúdo religioso das duas culturas e resolia as contradições entre elas.

Certamente o cristianismo mantinha uma continuidade cultural com o judaísmo, como o NT faz questão de demonstrar. De modo similar, o cristianismo apresentava uma face familiar à cultura greco-romana não judaica. Diante destas duas faces do cristianismo primitivo, fica claro que o maior apelo teria sido àqueles que se importavam com as duas faces: os judeus da diáspora.

3.5. Judaísmo acomodado

Os judeus helenistas eram marginalizados socialmente, mas também mundanos, acomodados e seculares. Fílon é um exemplo dramático dessa extensiva acomodação. Ele interpreta a Torá por meio da filosofia grega; seu compromisso era com a filosofia platônica. Provavelmente os judeus helenistas fora da Palestina já não guardavam a lei antes mesmo de sua conversão ao cristianismo.

3.6. Redes

Os judeus helenistas tinham comunidades na diáspora acostumadas a receber mestres de Jerusalém. Esses missionários provavelmente tinham conexões de família e amigos nestas comunidades; muitos deles eram judeus helenistas, como Paulo. Diferentemente das concepções platônicas de Fílon, o cristianismo apresentava uma fé sobrenatural vigorosa, capaz de gerar um forte engajamento. Tinha grande apelo para este grupo por construir um componente helênico sobre uma fundação judaica. Esse grupo também tinha maior preparação do que os gentios para aceitar as notícias de um messias surgido na Palestina e morto na cruz como um criminoso comum pelos romanos. Além disso, com as revoltas dos judeus nacionalistas e a destruição do templo, muitos judeus da diáspora deviam estar buscando alternativas para se desassociarem deles.

Portanto, os primeiros missionários devem ter concentrado seus esforços nos judeus helenistas da diáspora. Praticamente todos os historiadores do NT concordam que eles fizeram assim e foram bem-sucedidos. A evidência arqueológica demonstra que as primeiras igrejas fora da Palestina se concentravam nas seções judaicas das cidades, praticamente de frente para a sinagoga, do outro lado da rua.

Contudo, muitos historiadores entendem que estas poderosas forças sociais se tornam inoperantes na metade do século 2, embora não expliquem por que teria ocorrido esta mudança. De fato, os historiadores reconhecem que a “guerra judaica” e a revolta posterior de Bar-Kokhba tiveram pouquíssimo impacto na comunidade da diáspora. Provavelmente teriam aumentado o apelo do cristianismo para os judeus helenistas. O movimento de Marcião revela a força dominante do cristianismo judaico ainda no século 2. Se a igreja fosse predominantemente gentia nessa época, teria aceitado mais facilmente a proposta dele de eliminar o AT e as partes do NT vinculadas com o judaísmo. Alguns historiadores reivindicam que até o século 5 o cristianismo manteve certas tendências “judaizantes”; isso se explicaria melhor como persistência em muitos lugares de um substancial cristianismo judaico com ainda boas taxas de conversão de judeus para o cristianismo.

Dentro desta realidade possível de um cristianismo ainda conectado com suas raízes judaicas, faz mais sentido a polêmica antijudaica de Crisóstomo para separar a igreja do judaísmo ortodoxo (“mataram Jesus”). Essa explicação é mais plausível do que a de que houve uma nova onda de conversão ao judaísmo.

3.7. Evidências físicas recentes

Evidências arqueológicas e documentais revelam que havia convívio pacífico entre igrejas e sinagogas na Itália até o século 4 e em Cafarnaum até o século 7.

3.8. Conclusão

Os judeus da diáspora proveram grande parte das conversões do cristianismo inicial, especialmente nas cidades da Ásia Menor e do norte da África, onde surgiram as comunidades cristãs mais vigorosas durante os quatro primeiros séculos. Mais tarde descobri que Weiss (1914) sugere algo similar.

4. Epidemias, redes e conversão

De 165 a 180 uma epidemia devastadora varreu o império e matou de 1/4 a 1/3 da população. Em 251 outra epidemia surgiu. Essa diminuição drástica da população levou à política de relocação de “bárbaros” como donos de terras e legionários; antes se achava que isso fora causado pela degeneração moral.

Cipriano, Dionísio, Eusébio e outros pais da igreja consideravam que as epidemias trouxeram grandes contribuições à causa do cristianismo. Se a sociedade clássica não tivesse se desorganizado e desmoralizado por estas catástrofes, o cristianismo talvez nunca teria se tornado a fé dominante. Comprovo isso com 3 teses:

1) As epidemias esmagaram as capacidades explanatórias e confortantes do paganismo e das filosofias gregas. Em contraste, o cristianismo oferecia um relato bem mais satisfatório sobre porque surgiram essas catástrofes e projetava um futuro esperançoso e entusiástico. Essa tese já está presente nos escritos de Cipriano, bispo de Cartago.

2) Os valores cristãos de amor e caridade se traduziram em serviço social e solidariedade comunitária. Quando surgiram desastres, os cristãos estavam mais bem preparados para lidar com isso e isso gerou *taxas substancialmente maiores de sobrevivência*. Após cada epidemia, os cristãos eram uma porção maior da população; esse “milagre” influenciava também novas conversões. Essa tese já está presente em uma carta de Dionísio, bispo de Alexandria.

3) Quando uma epidemia destrói uma porção substancial da população, muitas pessoas perdem as conexões interpessoais que as prendiam à ordem moral convencional. Assim, havia muito maior probabilidade de conversão ao cristianismo.

4.1. As epidemias

A praga de Galeno (1ª epidemia) em 165 matou de 1/4 a 1/3 da população. Na 2ª epidemia, 5 mil pessoas morriam por dia em Roma.

4.2. Crise e fé

Frequentemente na história humana, crises produzidas por desastres naturais ou sociais se traduzem em crises de fé, em geral porque o desastre faz exigências que a religião dominante não consegue atender. Isso ocorre em dois níveis: 1) a religião falha em prover uma explicação satisfatória para o desastre (por que ocorreu?); 2) a religião parece inútil contra o desastre, o que é ainda pior quando o sobrenatural é a última esperança disponível por já terem falhado todos os meios não religiosos. Em reação a essas falhas, sociedades em geral adotam novas fés, como demonstram os movimentos messiânicos mais recentes.

O cristianismo foi capaz de explicar as epidemias e foi eficaz diante delas. Ser cristão ou pagão no mundo greco-romano implicava em crenças diferentes que determinavam grandemente sua capacidade de explicação e sua mobilização de recursos humanos. As pessoas preferem explicações que asseverem intenções históricas subjacentes e que os grandes traços da vida são coerentes e compreensíveis. As filosofias da época não conseguiam oferecer isso.

Contudo, a fé cristã reivindica ter essas respostas. A vida tem significado mesmo diante da morte súbita e surpreendente. Há consolo na percepção de uma existência celestial para aqueles familiares e amigos que morreram. Por não temer a morte, o desastre passa a ser uma oportunidade para

o cristão de testar sua fé e buscar o martírio. Além disso, a doutrina cristã fornece uma prescrição para a ação.

4.3. Taxas de sobrevivência e a regra de ouro

Dionísio elogia os heroicos esforços dos cristãos no atendimento aos doentes durante a segunda epidemia. Muitos perderam a vida no processo e não houve lar sem morte, embora ele conclua que o pior impacto tenha sido sobre os ímpios. Ele explica a diferença na mortalidade pelo diferente modo de tratamento dos doentes: os pagãos fugiam dos doentes e os largavam nas ruas antes de estarem mortos, e tratavam os mortos como lixo para evitar o contágio. Contudo, não conseguiram escapar da peste.

Devemos acreditar no relato de Dionísio? Vejamos se os cristãos realmente cuidaram dos enfermos e se essas reações diferentes resultariam em diferença na mortalidade.

4.4. Reações cristãs e pagãs

É improvável que um bispo (Dionísio) reivindicasse em cartas públicas algo que seus paroquianos poderiam facilmente rebater como falso. De qualquer forma, há evidências convincentes de fontes pagãs sobre este comportamento cristão característico.

O imperador Juliano, um século depois, lançou uma campanha para instituir assistência social pagã num esforço de igualar a dos cristãos. Ele atesta que o crescimento cristão se devia à moralidade cristã e sua benevolência para com estranhos. Os cristãos sustentavam inclusive os pobres pagãos, e era visível que “nossa povo não recebe ajuda nossa” (Juliano). Portanto, os cristãos haviam criado um sistema de assistência social em um império que não tinha serviços sociais.

Durante uma epidemia em Atenas, o relato de Tucídides, séculos antes, revela o mesmo padrão de fuga e abandono de doentes e mortos que Dionísio atribui aos pagãos de sua época. Na primeira epidemia do século 2, o próprio Galeno, famoso médico da época, fugiu rapidamente de Roma até que o perigo passasse, o que era considerado como medida sensata e usual.

Aqui vemos a singularidade do pensamento judaico-cristão, que conecta um código ético altamente *social* com a religião. Não é novidade os deuses ditarem certos comportamentos, pois desejam sacrifícios e adoração. Não é novidade reagirem às oferendas, pois os deuses podem ser levados a agir em troca dos sacrifícios. A novidade é a possibilidade de algo além da barganha egoísta no relacionamento com o sobrenatural. O ensino cristão sobre o amor de Deus era novidade para os pagãos. Como Deus ama a humanidade, os cristãos também precisam amar uns aos outros; de fato, como Deus demonstra seu amor pelo sacrifício, os cristãos devem imitá-lo. E isso se estende além das ligações de família e tribo (1Co 1.2). Essas ideias eram revolucionárias.

Essa prática diferenciada era demonstrada no comportamento diário dos cristãos, como testemunha Tertuliano: “É nosso cuidado pelos desamparados, nossa prática de bondade amorosa que nos marca aos olhos de muitos oponentes. ‘Vejam’, eles dizem, ‘vejam como eles se amam!’” (*Apologia*).

Os pagãos não conseguiam imitar esse comportamento, porque não havia base doutrinária ou práticas tradicionais que sustentassem exigências éticas. Os deuses pagãos não ofereciam salvação; podiam ser subornados para realizar serviços, mas não proviam escape para a mortalidade. Devemos lembrar disso ao comparar as reações dos cristãos e pagãos diante da ameaça de morte súbita.

4.5. Mortalidade diferencial

Que diferença fazia o cuidado dos cristãos com os doentes? Muita. Peritos médicos atuais estimam que o cuidado escrupuloso *sem qualquer remédio* pode diminuir a taxa de mortalidade em dois terços ou mais. A simples provisão de comida e água, por exemplo, permite que os que estão temporariamente fracos para se cuidarem sozinhos se recuperem, em vez de morrerem miseravel-

mente.

Dessa forma, a simples redução da mortalidade entre os cristãos já elevaria bastante sua proporção na população geral. A taxa de conversão dos pagãos pode ter crescido nesta época, pois muitos pagãos deviam suas vidas ao cuidado recebido dos cristãos; além disso, todos percebiam que os cristãos conseguiam enfrentar a morte da epidemia e com mais probabilidade de vencê-la. Tanto o martírio dos cristãos que sucumbiam à doença no cuidado aos outros quanto a sobrevivência dos demais que se tornavam imunes (invulneráveis passando entre os doentes) eram milagres à vista do povo pagão, assim como sua taxa bem mais alta de sobrevivência. Tudo isso gerava interesse nas crenças cristãs.

4.6. Moralidade, fuga e ligações

Uma epidemia causava caos nas relações sociais pagãs, deixando a maioria com pouquíssimas ligações com outros pagãos e aumentando a probabilidade de fortes laços com cristãos.

Simplesmente aplicando as diferentes taxas de mortalidade às relações entre cristãos e pagãos já se percebe que as ligações entre pagãos tendiam a perecer em proporção dobrada às ligações entre cristãos. Isso não leva em conta o abandono dos doentes pelos pagãos, que matava o relacionamento. Os pagãos doentes receberam cuidados dos cristãos; como havia muitos a cuidar, provavelmente foram os vizinhos ou com parentes cristãos que tiveram prioridade. Em suma, a ligação mais forte dos pagãos com cristãos por causa da epidemia aumentou grandemente sua probabilidade de conversão ao cristianismo.

4.7. Conclusão

O crescimento do cristianismo não foi inevitável. De fato, se algumas crises não tivessem ocorrido, o cristianismo teria perdido grandes e importantes oportunidades de crescimento, pois o paganismo se demonstrou incapaz de lidar social e espiritualmente com as crises.

5. O papel das mulheres no crescimento cristão

O cristianismo era especialmente atrativo para as mulheres, pois nele gozavam de um status bem mais alto do que no mundo greco-romano em geral. Demonstrarrei que isso está conectado a uma grande mudança nos índices de gênero sexual. Essa mudança resultou das doutrinas cristãs que proibiam infanticídio e aborto, com uma subsequente tendência de evangelização maior de mulheres. A grande proporção de casamentos mistos entre mulheres cristãs e homens pagãos gerava também muitas conversões “secundárias”. Finalmente, havia uma taxa maior de nascimentos entre os cristãos.

5.1. Índices cristão e pagão de gênero sexual

No mundo greco-romano, havia muito mais homens que mulheres (estima-se 40% a mais). Essa distorção se devia à prática de rejeição de bebês do sexo feminino que não fossem desejados e de machos com deformidades, que era legal, moralmente aceita e amplamente praticada em todas as classes sociais. Mesmo em grandes famílias, dificilmente se criava mais de uma filha. Além disso, o aborto era uma importante causa de morte das mulheres da época.

Para os cristãos, fontes antigas confirmam a superioridade numérica das mulheres. Isso ocorria como resultado da eliminação destas causas de morte (infanticídio e aborto) e pela alta proporção de mulheres que se tornavam cristãs.

5.2. Tendência de gênero sexual na conversão

Mulheres das classes mais altas frequentemente traziam para a fé cristã seus maridos e admiradores (conversões secundárias, ou seja, relutantes e influenciadas pela ligação com um convertido primário). Isso também é típico de novos movimentos religiosos de épocas recentes, nos quais 60% a 75% dos convertidos são mulheres, enquanto grande parte dos homens é de convertidos se-

cundários. De fato, as mulheres de diferentes épocas e lugares parecem bem mais interessadas em religião do que os homens.

Dessa forma, a subcultura cristã tinha um substancial excesso de mulheres em um mundo acostumado com um vasto excesso de homens.

5.3. Os índices de gênero sexual e o status das mulheres

Quando existem mais homens do que mulheres, estas serão submetidas a papéis reprimidos pois os homens as consideram raridades. Quando há mais mulheres do que homens, elas gozam de maior poder e liberdade. Aplicada ao mundo clássico, esta teoria explica as diferenças entre as mulheres atenienses e espartanas; estas desfrutavam de muito mais poder e status.

5.4. A posição relativa das mulheres cristãs

O status das cristãs no mundo greco-romano era mais similar às mulheres de Esparta. A perspectiva cristã sobre as mulheres era bem mais favorável, não só proibindo o infanticídio, como o divórcio, o incesto, a infidelidade conjugal e a poligamia. Apesar do incentivo à castidade, havia rejeição do padrão duplo que dava liberdades sexuais só para os homens. As viúvas cristãs também tinham vantagens substanciais em comparação com as pagãs (mantinham os bens do marido, não eram obrigadas a recasar, eram sustentadas pela igreja). Além disso, as cristãs se casavam mais tarde e tinham mais escolha acerca do cônjuge; as pagãs costumavam casar antes da puberdade (11 a 13 anos) com homens mais velhos que consumavam o casamento imediatamente, o que gerava nelas medo e ressentimento.

Nos primeiros cinco séculos do cristianismo, as mulheres tinham várias funções na igreja. O papel de diaconisas é bem atestado (Rm 16.1; 1Tm 3.11) e Paulo reconhece o serviço delas como evangelistas e mestras. O grande número de mulheres martirizadas também indica que provavelmente tinham funções proeminentes na igreja. Assim, a grande proporção de mulheres no cristianismo gerou sua posição mais alta na igreja e isso confirma a teoria apresentada (seção 5.3).

Defendo que o casamento misto era bem mais tolerado no cristianismo do que se reconhece. Havia muito mais mulheres cristãs do que homens, e o inverso acontecia no mundo pagão. Diversas fontes apontam na direção de grande número de casamentos mistos.

Nesses casos, a regra é que a pessoa menos religiosa adere à religião do mais comprometido, em geral a esposa. Dessa forma esses casamentos geraram muitas conversões secundárias. Foram um mecanismo importante para manter abertas as redes sociais cristãs e permitir o crescimento do movimento.

5.5. O fator da fertilidade

Os imperadores romanos (César, Augusto e seguintes) deram grandes incentivos à geração de filhos, inclusive punições para os não casados e sem filhos. Mas isso não funcionou e, mesmo antes da primeira epidemia, a população do império já começava a declinar. Em contraste, os cristãos mantinham uma alta taxa de natalidade e uma menor taxa de mortalidade.

5.6. Fontes de baixa fertilidade

Uma causa primária da baixa natalidade era a cultura estabelecida de muitos homens não desejarem se casar, pois achavam difícil lidar com as mulheres; as prostitutas eram abundantes.

Quando os homens se casavam, geralmente produziam pequenas famílias, pois o infanticídio era comum. Havia frequente recurso ao aborto, que impedia nascimentos e também matava mulheres, especialmente por causa de atividades sexuais ilícitas ou razões econômicas.

O controle de natalidade também era realizado por diversas técnicas contraceptivas (drogas, mecanismos inseridos nas mulheres, preservativos, *coitus interruptus*, masturbação, sexo anal e oral).

A capacidade reprodutiva da população dependia da proporção de mulheres em idade fértil, mas muitas delas já não podiam reproduzir por causa dos danos causados por abortos e métodos contraceptivos. Desse modo, o declínio da população pagã era garantido.

5.7. A fertilidade cristã

Um fator importante para a maior fertilidade cristã era uma cultura que santificava o laço conjugal, condenando a promiscuidade e salientando as obrigações entre os cônjuges (1Co 7.2-7).

Os cristãos seguiam a perspectiva judaica que era muito orientada à família e à natalidade. Nesse sentido, seguiram a proibição judaica contra o aborto e o infanticídio. Além disso, judeus e cristãos se opunham a práticas sexuais que não levavam o esperma à vagina.

O grande número de mulheres cristãs também gerava uma maior taxa de fertilidade, pois certamente havia alto índice de casamentos mistos, cujos filhos eram criados na igreja.

Em suma, a alta mortalidade pagã não era compensada por uma alta natalidade, o que gerava um alto declínio na população. Estes fatores não se aplicavam ao segmento cristão. Assim, podemos concluir que o crescimento do cristianismo se deveu não só às conversões, mas também à alta natalidade.

5.8. Conclusão

1) As subculturas cristãs do mundo antigo desenvolveram rapidamente um excesso de mulheres, enquanto no mundo pagão havia sobra de homens. Essa mudança foi resultado das proibições cristãs contra infanticídio e aborto e da substancial tendência de maior conversão de mulheres.

2) As mulheres cristãs desfrutavam de status bem superior do que as pagãs, especialmente nas famílias, mas também ao assumirem posições de liderança na igreja.

3) Pela grande proporção de mulheres cristãs e homens pagãos, houve grande quantidade de casamentos mistos, que geraram muitas conversões secundárias.

4) A abundância de mulheres cristãs gerou maior natalidade, que contribuiu para o crescimento do cristianismo.

6. A cristianização do império urbano: uma abordagem quantitativa

A cidade greco-romana se tornou o ambiente dominante do movimento cristão. Que características das cidades eram propícias à sua cristianização? Farei uma análise quantitativa de 22 grandes cidades por volta do ano 100, para descobrir por que o cristianismo se desenvolveu mais rapidamente em alguns lugares do que em outros.

6.1. Selecionando cidades por tamanho

Uma base bem documentada das maiores cidades no ano 100 indica as seguintes: Roma (650 mil), Alexandria (400), Éfeso (200), Antioquia (150), Apameia (125), Pérgamo (120), Sardes e Corinto e Cadiz (100), Mênfis e Cartago (90), Edessa e Siracusa (80), Esmirna (75), Cesareia Marítima e Damasco e Córdoba (45), Milão e Autun e Londres (40), Salamina (35), Atenas (30).

6.2. Cristianização

Quantificando a expansão do cristianismo, as seguintes cidades tinham igrejas pelo ano 100: Roma, Éfeso, Corinto, Atenas, Esmirna, Sardes, Salamina, Pérgamo, Alexandria, Antioquia, Damasco e Cesareia Marítima; as seguintes pelo ano 200: Apameia, Córdoba, Edessa, Siracusa, Cartago e Mênfis. As demais só depois disso: Milão, Autun, Cadiz, Londres.

Há algum motivo para supor que o tamanho da cidade teria influenciado a cristianização? Sim, uma teoria sociológica afirma que, quanto maior a cidade, maior o índice de subculturas não

convencionais. Sendo uma alternativa religiosa, quanto maior a cidade, tanto mais cedo o cristianismo teria alcançado massa crítica para formar uma igreja.

6.3. Localização

Calculei a distância de cada uma das 22 cidades desde Jerusalém e desde Roma, via as rotas conhecidas da época. As pessoas do Império Romano viajavam de modo mais extensivo e fácil do que outros antes deles o fizeram ou o fariam novamente até o século 19.

Essa interconexão do império gerava redes de relacionamento interpessoal que facilitavam a absorção tanto da cultura romana quanto da nova religião cristã. O caminho para o cristianismo foi preparado pela familiaridade com a cultura judaica, daí podemos estimar a força desta continuidade cultural pela distância desde Jerusalém. Os resultados coletados revelam que esta correlação é altamente significante estatisticamente.

6.4. A diáspora

Como os novos movimentos recrutam a partir dos relacionamentos interpessoais já existentes ou formados, concluímos que os judeus da diáspora foram a base de apoio para os missionários cristãos. Os judeus da diáspora foram a fonte primária de convertidos cristãos no início do cristianismo.

Ao levantarmos quais cidades tinham sinagogas por volta do ano 100, percebemos que há forte correlação com a cristianização nesses lugares. Dessa forma, o cristianismo se enraizou mais cedo onde já havia comunidades judaicas.

De modo similar, a influência romana funciona inversamente. Quanto mais influência romana e menos influência oriental (grega e judaica) na cultura de uma cidade, mais tarde sua primeira igreja surgiu (Roma é a exceção à regra).

6.5. Gnósticos

Não só havia muitos novos movimentos religiosos nas cidades do império da época, mas também muitos cristianismos, como o do movimento gnóstico. Cidades que tinham grupos gnósticos ativos antes do ano 200: Alexandria, Antioquia, Cesareia Marítima, Cartago, Éfeso, Pérgamo, Roma, Sardes, Esmirna. Cidades com grupos antes do ano 400: Apameia, Damasco, Edessa, Mênfis.

Há uma correlação positiva substancial entre o gnosticismo e a cristianização em cada cidade, assim como com o tamanho da população e com a presença de sinagogas. O cristianismo começou como uma heresia judaica e seu apelo inicial foi aos judeus; o gnosticismo começou depois como uma heresia cristã, com apelo principal aos cristãos.

De acordo com a sociologia, as origens das ideias não costumam ser iguais às origens dos movimentos. O movimento pode ser atual e usar ideias antigas.

6.6. Conclusão

As correlações feitas confirmam o que os historiadores já sabiam: o movimento cristão cresceu mais rapidamente em cidades greco-romanas da Ásia Menor, sustentado pelas amplas comunidades de judeus da diáspora.

Novamente se confirma o axioma: a conformidade às normas é resultado dos relacionamentos. Quanto mais valorizamos nossos relacionamentos com outros, mais nos conformaremos a fim de reter a estima destas pessoas. Quando as pessoas não têm relacionamentos, elas possuem maior liberdade para se desviarem das normas. Pessoas que se mudaram para novos locais de residência são mais suscetíveis a participar de novas atividades religiosas.

7. Caos e crise urbana: o caso de Antioquia

O cristianismo foi um movimento urbano. Se queremos entender o apelo da igreja primitiva, precisamos entender como a mensagem do NT e as relações sociais que ela gerou resolveram problemas graves que afligiam as cidades greco-romanas.

Para isso reuni características essenciais das cidades em que o cristianismo se desenvolveu, com seu nível extraordinário de desordem, deslocamento social, sujeira, doenças, miséria, medo e caos cultural. Foram estas condições que deram ao cristianismo a oportunidade de explorar mais plenamente suas imensas vantagens competitivas frente ao paganismo e a outros movimentos religiosos da época como uma *solução* para estes problemas.

7.1. Fontes materiais de miséria urbana crônica

O primeiro fato importante sobre as cidades greco-romanas é que eram pequenas em área e população. Antioquia chegou a 5km de comprimento por 2,5 de largura, com uma população de 150 mil. Contudo, sua densidade populacional era de 29 mil habitantes por km²; compare com a de Manhattan (dados de 1996 ou antes), que tem densidade de 24 mil hab/km² e se espalha verticalmente! [Censo de 2020 indica densidade de 11.314 hab/km² para Nova York e densidade de 28.873 hab/km² para Manhattan!]. Se tirarmos da equação o espaço dedicado a prédios públicos, monumentos e templos (uns 40% da cidade), a densidade reajustada chega a 48.200 hab/km² [quase o dobro das cidades mais densas modernas: Daca com 29.400 e Deli com 25.500].

Mesmo essa estatística falha em representar bem o abarrotamento da vida diária nessas cidades. A maioria das pessoas vivia em pequenos cubículos em cortiços de vários andares. Em Roma só havia uma casa particular para cada 26 blocos de apartamentos, situação típica das cidades greco-romanas. Cada família se amontoava em um só aposento nestes prédios. As ruas eram bem estreitas. Não havia forno ou lareira, nem chaminé. Os quartos ficavam enfumaçados no inverno, mas as janelas só eram cobertas com panos, o que aumentava o risco de incêndio, temor constante de todos.

Essa densidade populacional gerava incríveis problemas sanitários. Não havia sabão. A água era mal distribuída e precisava ser transportada em jarros para cada casa (exceto no caso de casas dos muitos ricos). Seu acúmulo em cisternas a tornava malcheirosa e impotável. Os pobres não usavam os banhos públicos, nem as latrinas; o comum era o penico, esvaziado à noite pelas janelas do prédio. Em suma, a maioria das pessoas vivia em uma imundície além da nossa imaginação.

Além da sujeira e mau cheiro, insetos e doenças proliferavam. A mortalidade era alta e as cidades só se mantinham com o influxo constante de população rural. A média de tempo de vida era baixa; a expectativa de vida era de 30 anos. A maioria das pessoas nas cidades sofria de problemas crônicos de saúde. Não é de surpreender, pois, que a cura fosse um aspecto tão central no paganismo e no cristianismo inicial.

7.2. Caos social e miséria urbana crônica

As cidades greco-romanas exigiam um fluxo constante e substancial de novas pessoas simplesmente para manter sua população. Como resultado, uma proporção considerável da população era recente, e não de residentes antigos.

A criminalidade das cidades modernas está associada com a rotatividade da população. Com muitas pessoas novas, há deficiência em ligações pessoais e são essas ligações pessoais que nos prendem à ordem moral. Isso também acontecia nas cidades antigas, junto com grande diversidade étnica. Antioquia, por exemplo, tinha 18 grupos étnicos identificáveis em quarteirões específicos. Isso minava a integração social e aumentava o risco de desordens, revoltas e desvios.

7.3. Desastres naturais e sociais

As ruínas das cidades antigas são apenas as *últimas* ruínas de cidades que repetidamente

eram destruídas e reconstruídas. As catástrofes naturais também dizimavam a população, cuja composição mudava radicalmente no processo. As cidades greco-romanas eram vulneráveis a ataques, incêndios, terremotos, escassez de víveres, epidemias e revoltas.

Antioquia, por exemplo, teve 41 catástrofes naturais e sociais em cerca de 600 anos do domínio romano, numa média de uma a cada 15 anos. A cidade continuava a ser reconstruída devido à sua importância estratégica na defesa da fronteira com a Pérsia.

Pessoas em cidades assim devem ter chegado ao desespero frequentemente e ter ansiado por socorro e salvação.

7.4. Conclusão

O cristianismo revitalizou a vida nas cidades greco-romanas ao prover novas normas e tipos de relacionamento social capazes de lidar com muitos problemas urbanos urgentes. Para cidades cheias de desabrigados e miseráveis, o cristianismo oferecia caridade e esperança. Para cidades cheias de novos residentes e estrangeiros, o cristianismo oferecia uma base imediata para conexões. Para cidades cheias de órfãos e viúvas, o cristianismo oferecia uma nova percepção ampliada de família. Para cidades divididas por contendas étnicas violentas, o cristianismo oferecia uma nova base para a solidariedade social. Para cidades que enfrentavam epidemias, incêndios e terremotos, o cristianismo oferecia serviços eficazes de enfermagem.

Estes problemas não eram novos nestas cidades, mas quando o cristianismo surgiu, sua capacidade superior de enfrentar estes problemas crônicos logo se tornou evidente e levou ao seu triunfo. Os missionários cristãos foram bem aceitos porque traziam uma *nova cultura* capaz de tornar a vida urbana mais tolerável.

8. Os mártires: sacrifício como escolha racional

Eusébio relata diversas torturas sofridas pelos mártires cristãos. Ele as entende como prova da virtude cristã; de fato, muitos pagãos ficavam bem impressionados.

Alguns sociólogos atuais, entretanto, acham que esse apego ao martírio sinalizava problemas psicológicos. Para estes, atividades como oração, observância de códigos morais e contribuições de tempo e riquezas são irracionais. Havia forte convicção de que as religiões em breve desapareceriam em um mundo iluminista.

Essa abordagem irracionalista diminuiu recentemente. Minha proposta é demonstrar que os sacrifícios religiosos geralmente se revelam como escolhas racionais em busca de recompensas valiosas. Estes sacrifícios foram o motor que alavancou o crescimento do cristianismo, criando organizações fortes com membros altamente comprometidos, prontos para fazer o que fosse necessário.

8.1. Religião e racionalidade

A religião supre compensadores para recompensas raras ou indisponíveis. Em geral, alcançar a recompensa desejada só acontecerá no futuro distante ou em outra realidade. Por exemplo, para alcançar a imortalidade, diversas religiões propõem instruções; ao ser guiado por essas instruções, a pessoa aceitou um compensador.

Os compensadores religiosos têm vantagens e desvantagens únicas. Oferecem recompensas enormes que não são obtidas de outra forma, como a vida eterna; seu cumprimento se baseia em outra realidade. Como não há possibilidade de atestar este cumprimento, sua desvantagem está no alto risco inerente.

Ora, as pessoas escolhem suas ações racionalmente, inclusive as que se referem a compensadores. Uma escolha racional envolve pesar os custos e benefícios das ações e agir de forma a maximizar o ganho líquido. Então, por que as pessoas não fazem escolhas similares? *As pessoas diferem muito em suas avaliações relativas quanto a recompensas ou benefícios específicos.*

8.2. O problema da credibilidade

Se não é possível estimar o valor dos compensadores religiosos com certeza neste mundo, como as pessoas podem calcular o risco de investir neles?

1) O valor percebido de um compensador religioso é estabelecido por meio de interações e trocas sociais.

2) As pessoas percebem um compensador religioso como menos arriscado e, portanto, mais valioso quando ele é promovido, produzido ou consumido coletivamente. Ou seja, a religião é um fenômeno social e o compromisso dos outros estimula nossa fé.

3) Os compensadores de uma religião são percebidos como menos arriscados e mais valiosos quando há evidência crível de que a participação na religião gera benefícios tangíveis que não se explicam facilmente em termos seculares. Os testemunhos são meios comuns nos grupos religiosos para gerar coletivamente fé em seus compensadores. Eles são ainda mais persuasivos quando procedem de uma fonte confiável, como uma pessoa conhecida.

4) Os líderes religiosos têm maior credibilidade quando recebem pouca recompensa material em retorno por seus serviços religiosos. Os leigos são mais ouvidos do que os clérigos.

5) Os mártires são os expoentes mais críveis do valor de uma religião; isso é especialmente verdade se há um aspecto voluntário no martírio deles.

8.3. O problema dos parasitas

A religião envolve ação coletiva e toda ação coletiva é potencialmente sujeita à exploração por parasitas. O parasita usufrui do grupo mas dá nada ou pouco em retorno. Uma solução para esse dilema é uma demanda dispendiosa.

8.4. Sacrifício e estigma

O estigma religioso se refere a todo aspecto de desvio social inerente a fazer parte do grupo, como não beber ou usar roupas típicas. O sacrifício consiste em investimentos e oportunidades perdidas exigidas daqueles que pertencem ao grupo.

Sacrifício e estigma geram e refletem a tensão entre o grupo religioso e a sociedade restante. Assim se distinguem “igrejas” predominantes e “seitas” irregulares. À primeira vista, poderia parecer que um alto custo tornaria a religião menos atrativa. Contudo, ao mitigar o problema dos parasitas, o alto custo fortalece o grupo religioso e os níveis de comprometimento.

O alto custo cria uma barreira para a entrada no grupo; não é mais possível só se ajudar e colher os benefícios da membresia. Apenas os que se dispõem a pagar o preço se qualificam para entrar no grupo. O alto custo também tende a aumentar a participação daqueles que entram, pois a recompensa da membresia aumentou consideravelmente.

Portanto, o alto custo de sacrifício e estigma gera nos grupos religiosos uma média maior de comprometimento e participação. Também gera maiores benefícios materiais, sociais e religiosos para seus membros. Os membros de grupos religiosos mais estritos têm motivos para crer que possuem informação suficiente sobre os compensadores e, portanto, fazem escolhas racionais.

8.5. Sacrifícios cristãos

Quando custava ser um cristão? Havia uma lista substancial de proibições quanto a práticas e normas pagãs. Também eram custosas as coisas a fazer: cuidar dos doentes, por exemplo.

8.6. Sacrifícios supremos

Talvez pessoas racionais estejam dispostas a dar dinheiro e tempo para o serviço social e observar normas estritas quanto a sexo e casamento por causa da religião. No entanto, como uma

pessoa racional podia aceitar tortura grotesca e morte em troca de recompensas religiosas arriscadas e intangíveis?

Primeiro, nem todos os cristãos primitivos fizeram isso; sabe-se que alguns se retrataram da fé. Segundo, as perseguições foram raras e o martírio se restringiu a centenas, não milhares, de cristãos. O governo romano se importava pouco com o cristianismo e, quando o perseguiu, foi atrás só dos líderes. Mesmo assim, alguns cristãos fizeram a escolha racional de suportar mortes terríveis.

O martírio ocorria em público e em geral, após um longo período de preparação. Nesse tempo, o futuro mártir recebia adulação e era exaltado como herói (exemplos de Inácio de Antioquia e Policarpo de Esmirna), o que mais tarde gerou o culto dos santos. O martírio deles era considerado milagre, pois os suportavam apenas pela graça e ajuda de Deus. O apoio e a celebração antecipada do sacrifício do mártir o fortaleciam e lhe diziam que seu ato e sua fala seriam observados e registrados para as futuras gerações.

8.7. O martírio e a confiança cristã

O cristianismo entrou em crise na década de 60 pela demora do retorno de Jesus e pelo diminuto e lento crescimento do novo movimento. Em geral, quando isso acontece num movimento religioso, a geração de fundadores perde a esperança de salvar o mundo todo e se fecha, mudando o discurso para a salvação de um remanescente.

No caso do cristianismo, a crise dupla nos anos 60 se defrontou com três incidentes extraordinários de martírio: Tiago, Paulo e Pedro. A história do *Quo Vadis?* é relatada no antigo “Atos de Pedro”. A coragem e determinação destes mártires fortaleceu a fé dos cristãos em meio à crise dupla da profecia não cumprida e do pequeno número de convertidos.

8.8. Recompensas cristãs

Os frutos da fé eram substanciais. Pelo alto custo, não existiam parasitas. Dessa forma os cristãos produziram uma religião muito potente, que gerava enorme satisfação. A pertença ao grupo também gerava benefícios; por exigir muito, a igreja dava muito. Por exemplo, visto que deviam ajudar os menos afortunados, muitos cristãos também recebiam essa ajuda e todos tinham mais segurança quanto a futuros tempos desfavoráveis. De modo similar, deviam cuidar dos doentes e moribundos, assim muitos receberam essa ajuda. Deviam amar os outros; também foram amados. Embora tivessem um código moral bem mais restritivo do que os pagãos, as mulheres cristãs desfrutavam de uma vida familiar bem mais segura.

O cristianismo também mitigou as relações entre classes sociais. Não as igualou, mas pregava que todos eram iguais aos olhos de Deus e que os ricos deviam ajudar os necessitados. A filantropia cristã causava inveja aos pagãos, como vimos.

Tudo isso importou? Fez diferença? Sim, os cristãos tinham uma expectativa de vida mais longa do que os pagãos, o que nos dá uma medida sumária de sua melhor qualidade de vida.

9. Oportunidade e organização

Para trabalhar a relação entre a igreja primitiva e seu ambiente social e cultural, avaliaremos a oportunidade de surgir uma nova grande fé nesse tempo e local particular. Depois, focaremos nas características organizacionais do cristianismo que o tornaram um competidor formidável.

9.1. Oportunidade

O destino de novos movimentos religiosos tipicamente está bem além do seu controle. Depende de dois fatores: a regulação estatal da religião (quanto o Estado está preparado para perseguir vigorosamente novas religiões) e o vigor da organização religiosa vigente (se há espaço no mercado para uma concorrente).

Roma dava grande liberdade religiosa a seus súditos, embora nem tudo fosse lícito. Os cristãos primitivos sofreram pouca repressão; seus locais de reunião eram claramente identificáveis e eles adotavam nomes tipicamente cristãos. Se a repressão romana tivesse sido forte e o grupo fosse clandestino, o cristianismo não teria crescido e teria sido insignificante.

Adotando a metáfora de economias religiosas, três proposições teóricas são úteis: 1) A capacidade de uma única empresa religiosa monopolizar uma economia religiosa depende do grau em que o Estado usa força coerciva para regulamentar a economia religiosa. 2) Quando uma economia religiosa não é regulamentada, ela tende a ser bem pluralista (diversas empresas ativas). 3) O pluralismo impede que novas empresas religiosas ganhem uma fatia do mercado. Seitas surgem, mas grupos religiosos totalmente novos são raros.

Há concordância entre os historiadores de que o paganismo foi suplantado pelo cristianismo no quarto século. Isso só foi possível devido a fraquezas do paganismo. 1) Excessivo pluralismo: incorporação de muitos deuses e religiões de várias partes do império. Isso gerou redução dos recursos disponíveis para cada grupo. O paganismo tinha manutenção cara, pois dependia de templos elaborados, sacerdotes profissionais e festivais luxuosos. 2) Declínio do paganismo: atestado no culto a Ísis, que se espalhou do Egito por todo o império a partir do século 3 a.C. Sua aceitação nas grandes cidades nos permite mapear necessidades religiosas insatisfeitas pelos templos pagãos tradicionais e, com isso, antecipar a expansão do cristianismo. De fato, há significativa correlação entre a expansão do culto a Ísis e a posterior expansão do cristianismo. 3) Falta de reverência pública. Parecia haver uma visão utilitária e ressentida dos deuses.

Estudiosos sugerem que havia um movimento nesta época em direção a um tipo de monoteísmo com diversas qualificações. Algumas proposições teóricas da sociologia também indicam isso: 1) Quando as sociedades se tornam mais antigas, maiores e mais cosmopolitas, elas passam a adorar menos deuses de maior escopo. 2) Dividir o sobrenatural em duas classes – o bem e o mal – oferece uma descrição racional dos deuses. Bons deuses são os que permitem que os humanos se beneficiem das trocas; maus infligem trocas coercitivas ou enganam os humanos. 3) Quanto mais antiga, ampla e cosmopolita se torna uma sociedade, mais clara se torna a distinção entre deuses bons e maus. Dessa forma, havia uma tendência a um monoteísmo, o que também indica declínio do paganismo.

O cristianismo encontrou uma oportunidade substancial de se expandir por causa das incapacidades do paganismo, algo que estava fora do controle cristão. Mas também havia coisas que foram controladas, que veremos a seguir.

9.2. Organização

Há dois tipos de empresas religiosas bem diferentes, que geram dois tipos bem diferentes de pluralismo, com implicações sociais bem diferentes. O primeiro tipo de empresa exige compromisso exclusivo; uma economia pluralista com grupos assim tem alto potencial de conflitos. O segundo tipo não exige exclusividade e gera pouco conflito.

As empresas exclusivas investem em produção coletiva da religião; as não exclusivas não conseguem fazer isso e investem em bens religiosos produzidos privativamente, os quais podem ser transferidos do produtor individual para o consumidor individual sem mediação de grupos (cristais da Nova Era ou mapas astrais são exemplos).

As pessoas reagem ao risco religioso de forma similar ao econômico: procuram diversificar. Se não conseguem determinar qual dos investimentos religiosos é o mais seguro, a estratégia mais racional é aderir a todos ou a alguns deles.

Duas proposições teóricas clarificam isso. 1) Quando existem empresas religiosas que fornecem produtos privativos, as forças competitivas e a minimização do risco levarão os consumidores a aderirem a diversas empresas, assim diversificando seu portfólio religioso. 2) Quando existem empresas religiosas que facilitam a produção de bens coletivos, a empresa e seus clientes exigirão

exclusividade para mitigar o problema dos parasitas.

Obviamente, as empresas do paganismo greco-romano eram não exclusivas, enquanto o judaísmo e o cristianismo são exclusivos. Aqui surge o principal aspecto do triunfo final do cristianismo: as empresas exclusivas são organizações mais fortes, muito mais capazes de mobilizar recursos extensos e de prover compensadores religiosos altamente confiáveis, assim como benefícios terrenos substanciais.

As empresas religiosas não exclusivas são cultos de clientela. Entre o “mágico” e seus consulentes não há laços duradouros, nem entre os consulentes. O “mágico” tem uma clientela, não uma igreja. Uma igreja se baseia no compromisso estável, exclusivo e de longo termo das pessoas. Dessa forma, pessoas se **convertem** a uma fé intolerante, mas só **aderem** a cultos não exclusivos. Quando há diversas fés não exclusivas, o valor percebido delas é baixo. Seus sacerdotes se beneficiam da clientela e os compensadores religiosos têm pouca credibilidade. Além disso, essas fés são incapazes de gerar entrosamento.

A história demonstra que quando as fés não exclusivas são desafiadas por competidores exclusivos, estes vencem por serem uma barganha melhor, apesar do seu custo mais alto. Enquanto as fés não exclusivas se especializam em áreas (são “butiques”), os grupos exclusivos precisam prover serviço completo (são “lojas de departamento”). Devem oferecer um sistema abrangente de crenças e atividades sociais e espirituais apropriadas para todas as idades. A força fundamental de uma fé exclusiva é sua força como grupo, com seu estilo de vida comum e sua percepção de pertença. É central ao senso de comunidade os fortes laços entre os clérigos e o povo; este não se aproximava do clero para comprar bens religiosos, mas para ser guiado em como observar a vida cristã. Os clérigos não eram uma elite distante, mas sim mestres e amigos eleitos por seu caráter. A riqueza não era a fonte de manutenção do grupo; doações eram voluntárias e feitas pelo povo, não pelos ricos. Daí o erro da estratégia dos romanos de perseguirem só os líderes cristãos, pois eliminar a elite teria destruído o paganismo, mas o cristianismo era um movimento das massas.

9.3. Conclusão

O cristianismo cresceu porque era uma comunidade intensa, com pertinácia invencível que gerou imensas recompensas religiosas. O meio principal de seu crescimento foi pelo esforço unido e motivado dos crentes que convidavam seus amigos, parentes e vizinhos para as “boas novas”.

10. Uma breve reflexão sobre virtude

Os historiadores atuais são ávidos em debater como os fatores sociais modelam doutrinas religiosas, mas são relutantes em debater como as doutrinas modelaram fatores sociais. Surgem reações alérgicas a argumentos que atribuem o crescimento do cristianismo a uma teologia superior.

Neste livro ficou evidente que as doutrinas foram de importância imensa. Tanto para cuidar dos doentes durante as epidemias, quanto para a rejeição do aborto e infanticídio, para a fertilidade e para o vigor organizacional. Assim, minha tese final é: *as doutrinas centrais do cristianismo incitaram e sustiveram organizações e relações sociais atrativas, libertadoras e efetivas*. Foram as doutrinas particulares do cristianismo que lhe permitiram estar entre os movimentos revitalizadores mais arrebatadores e bem-sucedidos da história. Foi o modo como estas doutrinas foram encarnadas e dirigiram ações organizacionais e comportamento individual que levou ao crescimento do cristianismo.

10.1. As palavras

Para a cultura judaico-cristã ou islâmica, os deuses pagãos são triviais, com poder, interesse e escopo limitados. São moralmente deficientes e prestam pouca atenção ao mundo humano. O que foi inteiramente novo no discurso cristão foi a ideia de que Deus ama aqueles que o amam.

Num mundo em que a compaixão era considerada uma fraqueza patológica, o cristianismo ensinou que o Deus misericordioso exige comportamento similar dos humanos. Os cristãos precisam

amar uns aos outros, e isso se estende além dos limites da família e até além da comunidade cristã.

10.2. A carne

Quando os textos e ensinamentos cristãos foram encarnados na vida diária, o cristianismo conseguiu transformar a experiência humana e mitigar sua miséria. No caos cultural reinante decorrente da profusão de etnias amontoadas em cada cidade, o cristianismo ofereceu uma cultura coerente que estava livre de etnicidade; todos eram bem-vindos. Normas e costumes novos e mais universais emergiram. Foi assim que o cristianismo venceu onde o judaísmo falhou, pois a Lei era uma barreira étnica para a conversão.

O cristianismo também instigou relações sociais libertadoras entre homens e mulheres e dentro da família. Modulou grandemente as diferenças de classes sociais. Trouxe um novo conceito de humanidade a um mundo saturado de crueldade e morte. Os cristãos promulgaram efetivamente uma visão moral contrária à crueldade pagã. De fato, o que o cristianismo deu aos seus adeptos foi sua própria humanidade. Nesse sentido, a virtude foi sua própria recompensa.

3ª parte [Hack]: Implicações para a vida cristã hoje

A partir do exposto no livro, eu, Jonathan, (não o autor) sugiro as seguintes implicações:

- Em geral palavras (doutrinas) não levam à conversão; é a demonstração do amor (vínculos pessoais fortes) que o faz. A conversão é um alinhamento ao comportamento daqueles a quem amamos e que nos amam; a aceitação das doutrinas costuma ser subsequente à conversão. Assim, o foco da igreja deve estar no fortalecimento dos vínculos entre os membros e suas famílias e amigos, pois é isso que gerará conversão futura. As redes sociais² precisam permanecer abertas. Uma estatística (2022) do movimento “Minha cidade para Cristo” da IPB revela que 76% das conversões se dão por meio de amigos e parentes. O evangelismo de pessoas desconhecidas (cruzadas, praças, folhetos) é pouquíssimo produtivo. Onde devemos, pois, concentrar nossos esforços?
- Quem tem fortes ligações não costuma se desviar do padrão já adotado. A igreja deve fortalecer os vínculos sociais de amor concreto entre seus membros. Precisamos de serviço mútuo ativo mais do que de atividades departamentais e palestras.
- Os privilegiados “sem religião” e secularizados têm grande chance de mostrar interesse em novas ideias. Devem ser foco do evangelismo atual.
- A continuidade cultural com a religião já conhecida gera maior chance de conversão. O evangelismo precisa criar conexões com a cultura vigente (o livro “Fator Melquisedeque” de Don Richardson propõe algo similar).
- Muitas pessoas encontram nova fé por sua ligação com crentes. A igreja precisa ensinar seus membros a fortalecerem suas redes sociais e as ampliarem, evitando se reunirem só com crentes. Missionários devem ser bons em criar redes sociais.
- Os desastres trazem oportunidade para a demonstração do amor cristão. O cuidado aos outros que ninguém quer cuidar impacta vidas. A cosmovisão cristã gera significado para toda a história humana e esperança para o futuro. O cristianismo explica o sofrimento como algo permitido pelo soberano Deus para sua glória e nosso crescimento. O cristianismo explica a morte e oferece vida que vence a morte. Tudo isso é ensino que fundamenta e fortalece a prática cristã do amor.
- O cristianismo redimiu a posição das mulheres num mundo machista e valorizou a família. Compete à igreja transmitir essa história e continuá-la. Qual é o papel da igreja hoje nesse sentido?
- As mulheres têm mais facilidade de conexão social e são mais interessadas em religião. Devem ser foco do evangelismo via redes sociais. Seus maridos e filhos costumar vir depois como conversão secundária.
- Cidades maiores têm mais diversidade cultural e permitem a implantação mais rápida de igrejas. A plantação de igrejas deve seguir uma estratégia missionária de alcance dos grandes centros primeiro (como Paulo fez).
- O cristianismo revolucionou a caótica vida urbana da época. Que soluções o cristianismo oferece hoje para o caos das cidades? O foco deve estar em relacionamentos sociais fortes com serviço mútuo e entrosamento acima de diferenças de etnia e classe social. Mais do que nunca há desespero que precisa ser remediado pela comunhão intensa proporcionada pela igreja.
- Uma religião não exclusiva é fraca e tem pouco valor. O cristianismo precisa afirmar suas exclusividades e exigir alto custo para o ingresso e permanência de membros. Dessa forma a igreja se livrará dos parasitas e fortalecerá o comprometimento dos membros.
- As pessoas avaliam o valor do cristianismo nas interações sociais. O compromisso dos outros e seus testemunhos estimulam nossa fé. Leigos são mais ouvidos que clérigos pagos, porque aqueles

² Nada a ver com as redes sociais da Internet que as simulam. Referem-se às verdadeiras ligações interpessoais.

não se beneficiam do sistema religioso.

- Pagãos são sincretistas porque dão pouco valor a religiões não exclusivas. É preciso salientar o exclusivismo do cristianismo e seus bens coletivos: recompensas eternas confiáveis e benefícios terrenos substanciais. Contra a clientela das religiões não exclusivas (butiques), a igreja precisa prover laços duradouros (comunhão e pertença), um sistema abrangente de crenças (loja de departamentos) e atividades sociais e espirituais que integrem todos.
- As doutrinas têm grande importância para fundamentar as ações práticas que transformam as pessoas. O discurso do amor cristão que espelha o Deus que nos amou primeiro pode e deve revolucionar o mundo egoísta pagão. A igreja precisa ser ensinada corretamente, mas acima de tudo precisa praticar o que aprendeu (Mt 28.20).